

SOCIOLOGIA – 1º ANO

CULTURA, INDÚSTRIA CULTURAL E CULTURA DE MASSA

UNIDADE I - CULTURA e ETNOCENTRISMO

“(...) cada qual denomina de bárbaro¹ o costume que não pratica na própria terra”.
(Michael de Montaigne. Les Essais, livre I. Chapitre I. Des cannibales.)

A frase de Montaigne fala sobre o etnocentrismo:

Etno = é uma palavra grega que significa povo.

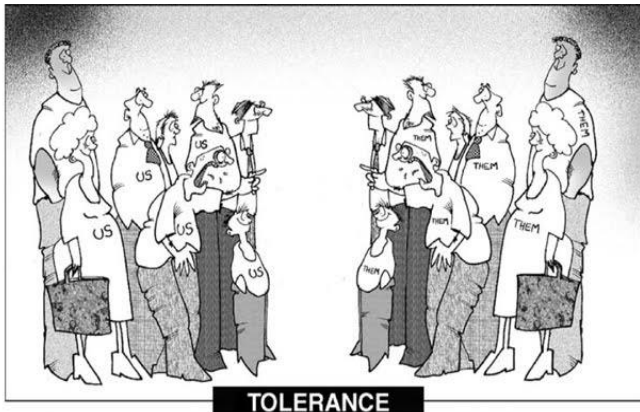
Centr = vem de centro.

Ismo = sufixo que designa a prática de algo.

Etnocentrismo é a postura segundo a qual você avalia os outros povos a partir de sua própria cultura.

Nesse sentido, todos nós somos etnocêntricos. Uns mais e outros menos. O problema do etnocentrismo é que ele não nos permite compreender como os outros pensam, já que de antemão eu julgo os outros conforme os meus padrões, de acordo com os valores e ideais partilhados pela minha cultura. E isso é um problema quando se quer compreender o outro, quando se quer pensar sociologicamente.

Apesar de sua importância central na vida humana, a cultura é frequentemente “invisível”. Isto é, as pessoas tendem a considerar sua própria cultura como um dado, pois ela nos parece tão racional e natural que raramente pensam sobre ela. Porém, as pessoas muitas vezes estranham quando são confrontadas com outras culturas. Ou seja, as ideias, normas, as técnicas de outras culturas nos parecem estranhas, irracionais e até mesmo inferiores.



© fran@francartoons.com



Julgar outra cultura exclusivamente com base na nossa é uma visão conhecida como **etnocentrismo**. O etnocentrismo atrapalha a análise sociológica. Isso pode ser ilustrado por meio de uma prática que parece bizarra a muitos de nós ocidentais: **a adoração de vacas entre os camponeses hindus da Índia**.

Eles recusam-se a matar vacas e comer sua carne porque para eles, a vaca é um símbolo religioso da vida. Calendários de parede por toda a Índia rural exibem lindas mulheres com corpos de vacas brancas e gordas, com leite jorrando de suas tetas. As vacas podem andar pelas ruas, defecar nas calçadas, parar para ruminar em cruzamentos engarrafados ou em trilhos de trem fazendo com que o trânsito pare completamente. Em Mandras, as delegacias de polícia mantêm pastos nos quais as vacas perdidas que adoecem podem ser cuidadas e alimentadas. O governo mantém até asilos para vacas idosas, nos quais elas podem permanecer gratuitamente. Todos esses cuidados parecem absurdos para a maioria dos ocidentais, em especial porque ocorrem em meio a muita fome e pobreza que poderiam ser aliviadas se os camponeses matassem suas vacas para comer, em vez de consumir seus poucos recursos alimentando-as e protegendo-as.

Devemos ressaltar que a adoração às vacas é uma prática racional, do ponto de vista econômico, na Índia rural. Em primeiro lugar, os camponeses não podem comprar tratores, então as vacas são necessárias para parrir

¹ A palavra bárbaro é de origem latina. Os romanos a usavam para designar todos os povos que não eram romanos. Todos os que não fossem romanos seriam bárbaros. Com o tempo essa palavra adquiriu a conotação de alguém que age de forma errada, imprópria, quase não humana.

bois, altamente necessários nas lavouras. Em segundo lugar, as vacas produzem centenas de milhões de quilos de adubo orgânico, cerca de metade dos quais são utilizados como fertilizantes e como combustível para cozinhar. Com a escassez do petróleo, carvão e madeira, aliada ao fato de que os camponeses não conseguem comprar adubos químicos, o esterco das vacas é, pode-se dizer, um presente dos deuses. Além disso, a manutenção das vacas na Índia é muito barata, uma vez que se alimentam de coisas impróprias para o consumo humano. Elas também representam fonte importantes de proteína e de subsistência das castas mais baixas, que tem o direito de utilizar o corpo das vacas mortas. Esses “intocáveis” comem carne de vaca e constituem a mão-de-obra da indústria do couro da Índia. Assim, a proteção das vacas por meio da adoração é uma prática perfeitamente racional e altamente eficiente do ponto de vista econômico. De fato, ela só parece irracional quando avaliada tomando-se como base os padrões ocidentais do agronegócio.



Levando em conta as discussões acima, o etnocentrismo é uma postura que devemos evitar. É preciso assumir uma postura de distanciamento ou afastamento diante de seu modo de agir, sentir e pensar. Devemos tentar nos colocar no lugar do outro e compreender como ele pensa. Isso é o **relativismo cultural**. Ter essa atitude não significa deixar de ser quem é, e sim, aceitar o outro na sua diferença, colocar-se no lugar do outro. A esta postura damos o nome de relativismo cultural.

O **relativismo cultural** é a postura segundo a qual se procura relativizar sua maneira de agir, pensar e sentir, assim, colocar-se no lugar do outro. “Relativizar” significa que você estabelece uma espécie de afastamento, distanciamento ou estranhamento diante de seus valores, para conseguir compreender a lógica dos valores do outro.

Uma das razões mais importantes para termos uma postura etnocêntrica está ligada ao **medo**. Medo do outro e, acima de tudo, medo de nós mesmos.

Por que isso está ligado ao medo?

Por que, quando nós dizemos que o outro é inferior, automaticamente nos colocamos em uma posição de superioridade. E, se somos superiores, somos os corretos, os melhores. Logo, não precisamos questionar nossa maneira de agir, pensar ou sentir. Pois, quando olhamos o outro e procuramos genuinamente compreendê-lo na sua diferença, muitas vezes não olhamos somente para este outro. Olhamos também para nós mesmos. Ao aceitar o outro na sua diferença, muitas vezes somos levados a refletir sobre nós. Verificamos que existem outras possibilidades de existência, outras formas de ver e pensar o mundo e que a nossa é uma entre muitas. Não é a única possível e talvez nem a melhor.

E por que não queremos fazer isso?

Por que aceitar o outro na sua diferença leva a muitas vezes a refletir sobre a própria existência, e as pessoas nem sempre estão preparadas ou simplesmente não querem rever ou repensar seu ponto de vista. Gostamos de achar que esse ponto de vista é o único possível, pois assim esquecemos que é somente uma possibilidade, uma entre outras. Com isso fugimos da responsabilidade de pensar sobre as escolhas que fazemos dizendo que: “não temos escolha”, que “o mundo deve ser assim”, “sempre foi assim”, “não há o que mudar” e que o “diferente está sempre errado”, “é sempre inferior”

Referências:

Robert Brym... et al. *Sociologia: sua bússola para um novo mundo*.

São Paulo faz Escola. **Sociologia**. Ensino Médio. (Disponível em: <https://sites.google.com/site/arytjrsociologia/caderno-do-aluno/1-serie-volume-3>). Acesso em 05/08/2012.

CULTURA – Introdução



Imagens extraídas do documentário “Lixo Extraordinário”

No uso corrente o termo cultura tem muitos significados. O trabalho com a terra, o ato de cultivar, pode ser chamado de cultura. Quando as pessoas dizem “cultura”, estão se referindo à ópera, ao balé, às artes plásticas, à literatura etc, porém, para a sociologia essa definição é muito limitada. Cultura serve também para designar instrução e desenvolvimento intelectual. Em antropologia (área das ciências sociais que estuda o homem e sua cultura), convencionou-se que os padrões de comportamento, as instituições, os valores materiais e espirituais de um povo são a sua cultura. Assim, toda sociedade possui uma cultura, elaborada e modificada no decorrer da sua história.

A cultura envolve a língua que falamos as ideias de um grupo, as crenças, os costumes, os códigos, as instituições, as ferramentas, a arte, a religião, a ciência, enfim, todas as esferas da atividade humana. Ou seja, **a sociologia define a cultura em geral no sentido muito amplo de todas as práticas, ideias, valores e objetos materiais que criamos para nos ajudar a lidar com questões concretas.**

Desde o seu aparecimento, a espécie humana distribuiu-se pela face da Terra, ocupando progressivamente os mais diversos ambientes e formulando respostas originais aos desafios que enfrentava. Multiplicaram-se os povos, do mesmo modo que as tradições criadas e desenvolvidas para orientar modos de agir, de pensar e se comunicar. Em resumo, a partir da experiência de cada povo, de cada sociedade, floresceram culturas próprias. A criatividade imprimiu rica diversidade de estilos de vida da humanidade.

Todas as formas de cultura representam formas de lidar com coisas concretas. A cultura é socialmente transmitida. Ela requer uma sociedade para que persista e possibilita a adaptação das pessoas a seus ambientes. (Exemplo: Gilberto Freyre - Sociólogo).

Algo importante a ser acrescentado é o fato de que as normas e valores de um povo também são saberes coletivos e costumam ser importantes para a sobrevivência do indivíduo.

A Cultura Material e Imaterial

Cultura é um sistema de comportamento. É tudo o que é socialmente aprendido e compartilhado pelos membros de uma sociedade, tendo por base comportamentos, ideias, normas e valores. A cultura como herança social pode ser dividida em cultura material e imaterial. Os artefatos que as pessoas elaboram dão forma à cultura material. Já a língua de um povo ou seus valores morais, normas e códigos fazem parte da cultura não-material.

Bens Culturais imateriais registrados no Brasil

2002

- Ofício das Paneleiras de Gioabeiras
- Arte Kusiwa – Pintura Corporal e Arte Gráfica Wajãpi

2004

- Círio de Nossa Senhora de Nazaré
- Samba de Roda do Recôncavo Baiano
- Ofício das Baianas de Acarajé

2005

- Modo de fazer Viola-de-Cocho
- Jongo no Sudeste

2006

- Cachoeira de Iauaretê – Lugar sagrado dos povos indígenas dos rios Uaupés e Papuri
- Feira de Caruaru

2007

- Frevo
- Tambor de Crioula do Maranhão
- Matrizes do samba no Rio de Janeiro: Partido Alto, Samba de Terreiro e Samba-Enredo

2008

- Modo artesanal de fazer Queijos de Minas, nas regiões do Serro e das serras da Canastra e do Salitre
- Roda de Capoeira
- Ofício dos mestres de Capoeira

2009

- Modo de fazer renda Irlandesa (Sergipe)
- O Toque dos Sinos em Minas Gerais
- Ofício de Sineiro

2010

- Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis (Goiás)
- Ritual Yaokwa do povo indígena Enawene Nawe
- Sistema agrícola Tradicional do Rio Negro
- Festa de Sant'ana de Caicó

2011

- Complexo cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão

Fonte: Revista de Sociologia. Dezembro de 2011/ Janeiro de 2012. Acarajé com mais recheio. Pg. 52

Curiosidade: Patrimônio Material

O patrimônio material protegido pelo Iphan², com base em legislações específicas é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza nos quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis como os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; e móveis como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos. Os bens culturais materiais tombados podem ser acessados por meio do Arquivo Noronha Santos ou pelo Arquivo Central do Iphan o, que é o setor responsável pela abertura, guarda e acesso aos processos de tombamento, de entorno e de saída de obras de artes do país. O Arquivo também emite certidões para efeito de prova e inscreve os bens nos Livros do Tombo. Entre os bens materiais brasileiros estão os conjuntos arquitetônicos de cidades como **Ouro Preto (MG), Paraty (RJ), Olinda (PE) e São Luís (MA) ou paisagísticos, como Lençóis (BA), Serra do Curral (Belo Horizonte), Grutas do Lago Azul e de Nossa Senhora Aparecida (Bonito, MS) e o Corcovado (Rio de Janeiro).**

Adaptado de:

<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do;jsessionid=02B42AEFA56B2F4C8CF0DF981BABB4D4?id=12297&retorno=paginalphan>. Acesso em 15/01/2012.

: <http://www.brasil.gov.br/sobre/cultura/patrimonio/patrimonio-material-e-imaterial>. Acesso em 16/01/2012.

² Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.



Frevo (Recife - PE)



Centro Histórico de Paraty (RJ)

Cultura Popular e Erudita

Estudaremos, agora, uma questão que continua em discussão nas ciências sociais, que é a existência de duas formas específicas de cultura em nossa sociedade: a cultura popular e a cultura erudita. O que seria erudito? O que seria popular? O que distinguiria o popular do erudito? A que grupo ou classe social poderíamos associar cada um desses conceitos? Haveria algum critério de valor a separar esses conceitos, isto é, seria possível ou correto compará-los e julgá-los?

A separação entre cultura popular e cultura erudita, com atribuição de maior valor à segunda, está relacionada à divisão da sociedade em classes, ou seja, é resultado e manifestação das diferenças sociais. Há, de acordo com essa classificação, uma cultura identificada com os segmentos populares e outra, superior, identificada com as elites.

O “popular” relaciona-se ao povo; o “erudito”, à elite (ou classe dominante, se preferirmos). Essa seria, sem dúvida, a associação mais imediata a ser feita com esses conceitos. Mas para fazer ou não essa associação é preciso analisar os porquês daquela oposição inicial. Por que distinguir dois tipos de cultura e dar a eles valores diferenciados?

A questão da existência de uma cultura popular versus uma cultura erudita implica modos diferenciados de ser, pensar e agir, associados aos detentores de uma ou de outra cultura. Falar em cultura popular significa falar, simultaneamente, em religião, em arte, em ciências populares – sempre em oposição a um similar erudito, que pode ser traduzido em dominante, dada a dimensão dicotômica (dominante versus dominado) que caracteriza a sociedade capitalista.

Mas como defini-las e distingui-las? A pergunta permanece. Há autores, como veremos adiante, que dizem já não ser possível pensar em cultura puramente popular ou puramente erudita numa sociedade como a nossa, integrada e padronizada pela cultura de massa, ou indústria cultural. Outros autores discordam dessa postura, diferenciando não duas, mas três culturas, em constante inter-relação: a cultura popular, a cultura erudita e a indústria cultural, esta última muitas vezes atuando como uma espécie de ponte entre as duas primeiras. Mas, por enquanto, tentemos nos fixar especificamente na discussão ainda não resolvida, como já foi dito, referente à compreensão do erudito e do popular na contraditória sociedade capitalista que vivemos.

A cultura erudita abrangeria expressões artísticas como a música clássica de padrão europeu, as artes plásticas – escultura e pintura –, o teatro e a literatura de cunho universal. Esses produtos culturais, como qualquer mercadoria, podem ser comprados e, em alguns casos, até deixados como herança como bens físicos.

A chamada cultura popular encontra expressão nos mitos e contos, danças, música – de sertaneja a cabocla –, artesanato rústico de cerâmica ou de madeira e pintura; corresponde, enfim, à manifestação genuína de um povo. Mas não se restringe ao que é tradicionalmente produzido na área rural. Inclui também expressões urbanas recentes, como os grafites, *hip-hop* e os sincretismos musicais oriundos do interior ou das grandes cidades, o que demonstra haver constante criação e recriação no universo cultural de base popular.

Ao pensarmos em cultura erudita, imediatamente concluímos que seus produtores fazem parte de uma elite política, econômica e cultural que pode ter acesso ao saber associado à escrita, aos livros, ao estudo. A resposta já não é tão imediata quando perguntamos quem são os produtores da cultura popular. De qualquer forma, não podemos perder de vista que o espaço reservado na sociedade para cada uma das duas culturas é bastante diferenciado. Enquanto a cultura erudita é transmitida pela escola e confirmada pelas instituições (governo, religião, economia), existe outra cultura que não se encontra nos esquemas oficiais.